

Nome: André Botelho Scholz

E-mail: abotelhos@gmail.com

Instituição de Ensino: USP

Orientador: José Carlos Estêvão

ABELARDO E A LEITURA DE TEXTOS FILOSÓFICOS COMO MÉTODO

Resumo: Em seu livro “Obras inéditas de Pedro Abelardo para servir à História da Filosofia na França”, Victor Cousin, então Ministro da Instrução Pública do ministério do visconde de Martignac, descreveu Pedro Abelardo assim: “*Héros de roman* na igreja, espírito livre em um tempo bárbaro, chefe de escola e quase um mártir de opinião, tudo isso faz de Abelardo uma personagem extraordinária. Mas de todos seus títulos aquele que mais se aproxima de nosso objeto, e que coloca em um lugar à parte na história do espírito humano, é a invenção de um novo sistema filosófico e a aplicação desse sistema a favor da filosofia e teologia” (Cf. Cousin, p. 5).

O “objeto” a que se refere Cousin era uma espécie de renovação da universidade francesa, fundamentada no estudo da História da Filosofia e pela eleição de duas figuras históricas para constituir sua narrativa: “Abelardo e Descartes são incontestavelmente os dois maiores filósofos que produziu a França, um na Idade Média, o outro nos tempos modernos; e já há doze anos a França não produziu uma nova edição completa de Descartes e ainda espera uma edição completa de Abelardo...” (Cf. Cousin, p. 5). O “método” a que se refere é a aplicação sistemática da teologia e da dialética, ou basicamente a renovação da lógica e da crítica ao realismo dos universais. O primeiro exemplo que teríamos deste método é o “Sim e Não”, coletânea de questões polêmicas em que são opostas, em duas colunas, citações de autoridades que reforçam o “sim” e o “não”.

Acusado de cético a seu tempo, ou “pássaro da tempestade” na expressão de Bernardo de Claraval, esse expediente, como remonta Cousin, é fruto de oito problemas ou constatações acerca da leitura de textos sagrados. Esses princípios podem ser grosseiramente resumidos: a linguagem das Escrituras não é destinada aos sábios; a corrupção dos textos e a dúvida sobre apócrifos; a busca por trechos em que a autoridade porventura se retrate; a “erudição profana”; um certo “sentido genérico” de suas falas, necessários por conta da multidão de pessoas a quem se dirigem; a variação de significação da multidão de palavras; um critério para decidir entre passagens

contraditórias; e a divisão canônica entre antigo e novo testamento, sem fazer confusão com textos e comentários (Cf. Cousin, p. 191-193).

Como mostrará Jean Jolivet mais de um século depois, o “Sim e Não” faz parte de uma tradição de coletâneas que mais pra frente levariam ao desenvolvimento dos métodos das *ordinatio*, e sua maior novidade é a organização e divisão metódica dos textos, além do prólogo (Cf. Jolivet, p. 240).

Chama-nos atenção no prólogo a seguinte passagem: “a primeira chave da sabedoria é definida como assídua ou frequente interrogação. Aristóteles, o mais perspicaz dos filósofos, exorta os estudiosos a apoderar-se dela com todo o ardor, ao falar da categoria da relação: <<talvez seja difícil pronunciar-se resolutamente acerca destas coisas, a não ser que sejam tratadas muitas vezes; examinar, porém, tudo não será inútil>>. Pois, examinando, chegamos à pesquisa; pesquisando, descobrimos a verdade” (Cf. Sic et Non, p. 127).

O problema deste método é que é um método *em construção*. Abelardo se retratará muitas vezes e estará constantemente pesquisando novos textos, inclusive de vários contemporâneos. Seus textos estão muito longe de serem sistemáticos, até porque a questão da própria possibilidade do conhecimento é complicada para Abelardo. A título de exemplo, vale a pena lembrar o vigésimo segundo parágrafo do *Tratado das Intellecções*: “Quanto ao que diz Boécio, que a inteligência pertence a pouquíssimos homens, nós, e Aristóteles, acreditamos que nunca pode ocorrer nessa vida, a menos que a revelação ocorra a alguém por um excesso de contemplação; e acreditamos que Aristóteles chama esse excesso mental de “ciência” em vez de intelecção, e nem deve ser dito ânimo humano, mas divino, pois a alma ascende a Deus como quando, fraco, nosso homem moribundo suscita-se a Deus.”.

Esse problema todo começará com a pesquisa de texto. Vejamos outro exemplo: no início de seu comentário à *Isagoge* de Porfírio, o conceito de “intelecção” é tomado como ponto de partida para o comentário ao texto do filósofo. As questões propostas por Porfírio foram solucionadas de diversas maneiras, diz Abelardo a partir de Boécio: “Aristóteles admite que os gêneros e as espécies subsistem apenas nos sensíveis, são, porém, inteligidos fora deles; Platão, no entanto, admite que eles, não só são inteligidos fora dos sensíveis, mas também que eles são fora dos sensíveis” (LP, p. 52). É claro ao leitor como Abelardo elege estas duas soluções antigas para posicionar um problema, e como a diferença entre as duas soluções é o estatuto garantido ao inteligível: em um caso a ação de inteligir, a intelecção, se dá fora do sensível e no outro, além disto, ela

está fora dos sensíveis. Como se sabe, através das posições de Roscelio e Guilherme de Champeaux, Abelardo tomará posição no debate histórico-filosófico que ficou conhecido como “querela dos universais”, colocando o universal na significação, a qual é explicada através da intelecção, e deslocando-o tanto das posições que o colocam no sensível, como as que o colocam fora dele. Mas o que quer dizer que a significação do universal é explicada pela intelecção? Explicar como o universal significa algo é um dos objetivos da *Lógica para principiantes*, pois a palavra que constitui um universal não pode significar como as outras palavras, processo que é explicado pela constituição de uma intelecção que impõe um significado à palavra. Ao passo que a palavra “Sócrates” tem sua significação explicada pela intelecção de uma coisa que é Sócrates, o universal “homem” não pode ser explicado pela intelecção de uma coisa que é homem no mesmo sentido que Sócrates, pois “homem” não é um indivíduo e tampouco pode ser dito uma coleção. Para refinar sua explicação, Abelardo criará categorias que exprimem os diversos modos de inteligir uma coisa, de maneira que a intelecção fixada pelo universal será denominada “isolada, nua e pura”. Isso quer dizer que o universal fixa uma intelecção determinada de tal modo particular que significa algo que não está nos sensíveis. Tal intelecção será possível a partir de um processo de abstração. Para determinar uma intelecção de algo universal é preciso que o espírito dirija sua atenção considerando uma natureza em uma coisa abstraindo o que não concerne a esta natureza. Desse modo será possível explicar como pode haver um universal mesmo que as coisas a partir das quais ele foi inteligido cessem de existir; o universal poderá, nas palavras do autor, “constar da significação da intelecção”, ou seja, o universal não precisará ser encontrado nas coisas denominadas pela palavra, mas apenas da intelecção destas coisas.

É uma maneira de possibilitar que haja conhecimento do significado das proposições se fazer recorrência à uma teoria da participação, colocando a possibilidade do conhecimento na intencionalidade do ato de conhecer. Assim, embora não possamos chegar ao conhecimento das coisas, podemos ter um conhecimento sobre as proposições, constituindo assim o que Jolivet cunhou de “ciência total da linguagem” (Cf. Jolivet, p. 21). O objetivo dessa comunicação será problematizar mais detalhadamente como Abelardo organiza um projeto filosófico a partir da linguagem, levantando questões sobre o porquê, as dificuldades e facilidades deste método. Acreditamos que a partir dessa exposição, poderemos terminar com uma provocação que

se encaixa dentro da proposta do encontro: há outro método para estudar filosofia além da leitura de textos filosóficos?

Palavras-chave: Abelardo, Leitura de Textos Filosóficos, História da Filosofia

Bibliografia

Cousin, V. “Ouvrages inédits d'Abelard : pour servir à l'histoire de la philosophie scolastique en France”. Paris: Imprimerie Royale, 1854.

Jolivet, J. “Arts du langage et théologie chez Abélard”. Paris: Vrin, 1982.

Abelardo. “Lógica para principiantes”. Ed. UNESP, 2004.

Abelardo. “Prólogo do Sim e Não”. In: Estêvão, J. C. Abelardo e Heloísa”. São Paulo: Paulus, 2015.